



Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



## Apresentação do dossiê

### Eduardo Coutinho, 90 anos

#### Organização

#### Cláudia Mesquita

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde integra os grupos de pesquisa Poéticas da Experiência e Poéticas Femininas, Políticas Feministas. Belo Horizonte (MG). Brasil.

E-mail: [claudmesq@gmail.com](mailto:claudmesq@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1983-0963>

#### Fábio Andrade

Doutorando pelo Departamento de Estudos de Cinema da New York University (NYU). Professor Adjunto em Columbia University, Hunter College, Pratt Institute e NYU. New York (NY). Estados Unidos.

E-mail: [fabio.andrade@nyu.edu](mailto:fabio.andrade@nyu.edu)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6217-5842>

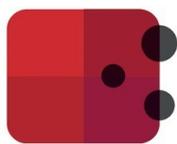
#### Kamilla Medeiros

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro (RJ). Brasil.

E-mail: [kamilla.medeiros@gmail.com](mailto:kamilla.medeiros@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2048-5373>

Em 2023, Eduardo Coutinho celebraria 90 anos. Cineasta incontornável, de trabalho influente e que repensava as bases do cinema moderno brasileiro para o século seguinte, Coutinho foi artista de muitas facetas. Conhecido em especial por *Cabra Marcado para Morrer* (1984) e pelos documentários para cinema que realizou entre 1999 (ano de lançamento de *Santo Forte*) e 2011 (com *As Canções*, seu último longa), Coutinho tem obra extensa e extremamente diversa. Entre o final da década de 1950 e seu falecimento, realizou mais de quarenta filmes e vídeos como diretor, além de trabalhos em roteiro e montagem para cinema e televisão. O aniversário de Coutinho foi



parte do calendário cinematográfico brasileiro em 2023, com o lançamento de livros como *Cabra Marcado para Morrer* (EDUSP)<sup>1</sup>, editado por Rogério de Almeida, Christiane Pereira de Souza e Kamilla Medeiros, e retrospectivas abrangentes na Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, e no Instituto Moreira Salles (IMS-SP), em São Paulo. Esta edição da Rebeca junta-se às comemorações, trazendo novos olhares sobre a obra do cineasta, com sete artigos, um ensaio e duas entrevistas.

A longevidade da obra de Coutinho e sua permanência no imaginário cinematográfico brasileiro permitem que as diferentes abordagens de seus filmes reflitam, também, mudanças e tendências no estudo, pensamento e pesquisa do cinema em diferentes momentos históricos. Dos textos aqui publicados, chamam a atenção alguns aspectos que se repetem e que apontam caminhos surpreendentes.

O primeiro é o interesse na obra tardia do diretor, começando em *Jogo de Cena* (2007) e se estendendo até *As Canções* (2011). A escolha dos filmes demanda também uma mudança nos modos de aproximação e análise: o foco recorrente na tradição do documentário, no método de conversa, na presença da equipe em quadro, e na palavra como matéria expressiva não sai de cena, mas passa a conviver com um vocabulário mais voltado ao trabalho dos atores e à ambiguidade dos registros de encenação. Além de desbravar novos aspectos da "trilogia do palco" de Coutinho, esses métodos e conceitos podem também iluminar retroativamente os filmes anteriores do diretor.

Da fase tardia, destaca-se ainda a recorrência de *Um Dia na Vida* (2010), experimento de montagem com imagens da TV aberta brasileira, sem pretensão de chegar a ser "obra", que mobiliza esforços de leitura e interpretação em dois artigos do dossiê. Esse interesse, que nas últimas décadas vem se configurando como um campo específico de análise audiovisual, se conecta ao uso de arquivos fílmicos como prática recorrente e pouco destacada na obra do diretor – em *Cabra Marcado para Morrer e Peões* (2004), certamente, mas também em vídeos como *O Jogo da Dívida – Quem Paga Quem?* (1989) *A Lei e a Vida* (1992).

O arquivo ganha outra densidade historiográfica em *90 Anos de Cinema – Uma Aventura Brasileira* (1988), série de televisão originalmente exibida na TV Manchete, com direção de Eduardo Escorel e Roberto Feith, roteiro de Eduardo Coutinho e pesquisa de Helena Salem. Raramente reivindicada em estudos sobre a obra de Coutinho, a série é tema de um dos artigos do dossiê, ressaltando a importância da pesquisa no trabalho do cineasta.

Dentre os documentários de conversa, *Peões* parece ter sua importância

---

<sup>1</sup>Download gratuito no Portal de Livros Abertos da USP. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047478>. Acesso em : dez. 2023.

renovada diante das mudanças políticas pelas quais o Brasil passou nas últimas duas décadas, com o impeachment de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e sua volta à presidência. A necessidade de repensar o período à luz do terceiro mandato de Lula parece motivar igualmente um retorno ao filme, feito às vésperas de sua primeira eleição presidencial.

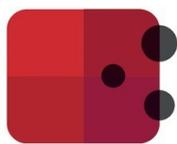
O emaranhamento entre cinema, memória e política reaparece como tema do ensaio de André Brasil, na sessão "Fora de Quadro". Nele, *Cabra Marcado para Morrer* é repensado à luz de *A Família de Elizabeth Teixeira*, média-metragem realizado pelo próprio Coutinho em 2013, e de três filmes de Vincent Carelli: *Corumbiara* (2009), *Martírio* (2016, codirigido com Ernesto de Carvalho e Tatiana Almeida) e *Adeus Capitão* (2022, novamente com Tatiana Almeida). *O reencontro filmico*, entre pessoas e com as imagens, motiva essa aproximação renovada ao *Cabra*, cotejado à fundamental trilogia de Carelli.

Esse conjunto de textos representa um desejo de desbravar novas possibilidades na obra de Coutinho, seja pela dedicação a materiais que aguardam reavaliação, seja pela prospecção de ângulos que se descortinam em filmes já persistentemente estudados.

Dinâmica parecida se dá com as duas entrevistas aqui apresentadas. A primeira delas é uma conversa inédita com Eduardo Moreira e Inês Peixoto, atores do Grupo Galpão com quem Coutinho trabalhou na realização do longa-metragem *Moscou* (2009). Ao se concentrar nas impressões e memórias dos atores sobre o processo, a entrevista retoma as tensões entre cinema e teatro que marcam essa fase do trabalho do diretor, reforçando ainda o aspecto fortemente colaborativo do cinema de Eduardo Coutinho, que é aqui enriquecido com a perspectiva de quem estava na frente das câmeras.

O arquivo traz, ainda, uma outra surpresa. Durante o processo de organização deste dossiê, descobrimos, através do contato com Anita Leandro, a existência de uma gravação do encontro que ela e o antropólogo francês Marc Piauxt tiveram com o cineasta em 2003. Reunidos em sua sala no Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), no Rio de Janeiro, travaram um debate sobre sua trajetória no documentário, sempre regado pelo humor peculiar que Coutinho cultivava em relação à vida e ao cinema, ambos quase sinônimos para ele.

É sempre emocionante quando nos deparamos com uma entrevista inédita de alguém que admiramos. Será que algo ali difere do que já ouvimos antes? Coutinho refletiu permanentemente sobre seu trabalho, compartilhando dúvidas, descobertas e *insights* em conversas longas e generosas, algumas delas gravadas e transcritas. Após quase 10 anos de sua morte, completados em fevereiro de 2024, ele ainda nos deixa marcas de sua passagem por esta terra. Como cartas engarrafadas e lançadas ao mar,



uma conversa gravada há 20 anos, como esta que transcrevemos agora, surge das ondas que quebram ao nosso alcance tanto tempo depois, trazendo uma síntese preciosa de seu inquieto pensamento.

Ao público que pouco teve contato com a sua obra e seu jeito de ser, as páginas desta entrevista, inédita em português, tecem uma crônica das desventuras e reflexões de um cineasta e seus processos criativos radicais. Aos já iniciados no cinema coutiniano, fica o convite para encontrar-se, uma vez mais, com a lucidez de suas palavras.

Cláudia Mesquita

Fábio Andrade

Kamilla Medeiros

Belo Horizonte, Nova Iorque e Fortaleza, dezembro de 2023.